

NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA ——— TELEFS.: 3713/3727/3728 ——— BISSAU

A chantagem não resultou ...

Aeroporto de Bissau mantém-se aberto

Abandonaram o nosso país na passada quinta-feira, sem terem sido enviados de Portugal os seus substitutos, os controladores de tráfego aéreo portugueses que trabalhavam no aeroporto internacional de Bissau. O nosso Governo tomou imediatamente as medidas adequadas destinadas a evitar o encerramento do único aeroporto internacional do País, estando em curso iniciativas no sentido de normalizar a situação.

A partida dos controladores segue-se a mais um diferecendo entre o Estado da Guiné-Bissau e as autoridades portuguesas, o que demonstra bem o espírito que norteia actualmente a política do Governo português em relação ao nosso país e que declarações feitas para tranquilizar aqueles que, fora do poder, se preocupam com essa política, não conseguem esconder.

Recorda-se que a vinda para a Guiné-Bissau dos controladores militares portugueses, «à falta de pessoal civil disponível», não se encontrava regulamentada juridicamente pois, afastada a hipótese de um acordo de cooperação militar com Portugal, o nosso Estado recusou submeter-se à pressão das autoridades da Força Aérea Portuguesa, que pretendiam para os seus controladores um regime equiparado ao das missões diplomáticas e não o estatuto de cooperantes.

Esta exigência das autoridades portuguesas não tinha qualquer cabimento, na medida em que os cidadãos portugueses que trabalham na nossa terra gozam de toda a protecção, tendo sido sempre respeitados pela sua contribuição ao desenvolvimento do País.

No momento em que reconstruímos, na nossa terra livre, as tabancas deixadas em ruínas pelos aviões portugueses, o gesto inamistoso das autoridades da Força Aérea Portuguesa que, não tendo conseguido impôr condições inaceitáveis, retiraram os seus controladores e puseram assim em causa o funcionamento do aeroporto de Bissau, mais parece um acto de retaliação da parte daqueles que ainda representam em Portugal o velho regime e que não conseguem perdoar ao nosso povo a derrota que lhes foi infligida, no ar como em terra, pelos gloriosos combatentes das nossas F.A.R.P.

Atitudes desta natureza não confundirão, porém, o nosso Governo que continuará determinado a tudo fazer para assegurar uma cooperação franca e fraterna com Portugal, agindo constantemente na defesa intransigente dos interesses do nosso povo que, apesar dos esforços dos saudos do velho tempo, jamais contrariarão os interesses do povo português».

AMANHÃ: VISITA DE LUIZ CABRAL À REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DA GUINÉ

Parte amanhã para Conakry, regressando segunda-feira, o camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado, que visita a República Democrática da Guiné a convite do camarada Ahmed Seku Turé, Secretário-Geral do PDG (Partido Democrático da Guiné) e Chefe de Estado daquele país irmão.

Trata-se de uma visita de relevante significado, que vai reforçar a amizade que une os nossos dois países e os laços nascidos na luta comum, mas sempre robustecidos pelo apoio dado à nossa luta de libertação nacional pelo camarada Seku Turé pelo povo da República da Guiné e pelo

P.D.G. Recorde-se que a visita a Conakry precede quaisquer outras que o camarada Presidente se prepara para fazer a países vizinhos, nomeadamente à Gâmbia, já na próxima semana.

O camarada Presidente, que viaja acompanhado da sua esposa, camarada Lucette Cabral, dirige uma importante delegação que integra os camaradas João Bernardo Vieira (Nino), membro do Secretariado Permanente do CEL e Comissário de Estado das Forças Armadas, Constantino Teixeira (Tchutcho), do CEL e Comissário de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública, Umaru Djaló, do CEL

e Chefe do Estado-Maior das FARP, Francisca Pereira, do CSL e Presidente do Comité de Estado da Região de Bolama/Bijagós, Bacar Cassamá, do CSL e Chefe da Casa Civil da Presidência, Julião Lopes, do CSL, comandante das FARP, Samba Lamine Mané, Comissário de Estado da Agricultura, Lay Seck, Presidente do Comité de Estado da Região do Gabú, Duke Djassi e Benvindo Pereira da Casa Militar da Presidência.

O Presidente Luiz Cabral segue também acompanhado pelo camarada Alfonso Perez Morales (Pina), embaixador da República de Cuba no nosso país.

FRANCISCO MENDES À PARTIDA PARA A U. R. S. S.:

“VAMOS TESTEMUNHAR A GRATIDÃO DO NOSSO POVO”

«Vamos testemunhar ao povo soviético e ao seu Governo, toda a gratidão do nosso Partido e do povo da Guiné e Cabo Verde por tudo aquilo que têm feito não só por nós mas por todos os povos do nosso continente que lutam pela sua independência verdadeira e para o progresso social» — disse-nos o camarada Francisco Mendes, membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo de Luta do Partido e Comissário Principal do Conselho de Comissários de Estado, antes da sua partida para a União Soviética onde irá re-

presentar o nosso Partido no vigésimo quinto Congresso do Partido Comunista da União Soviética que terá lugar em Moscovo, de 24 do corrente a 5 do próximo mês.

«O Partido Comunista Soviético, o seu Governo e o seu povo, continuou o camarada Francisco Mendes, estão sempre ao lado de todos os povos que lutam pela sua libertação. Foi assim que, durante a nossa luta armada recebemos a ajuda desinteressada da URSS. Hoje, na fase da consolidação da nossa independência e da reconstrução nacional, a União Soviética tem-nos dado sempre a sua ajuda através do seu Governo e do Partido Comunista encabezada pelo camarada Leonid Brejnev».

O camarada Francisco Mendes falou da importância deste Congresso não só para a vida do povo soviético mas também para a vida dos povos africanos, principalmente para o povo de Angola que se encontra ainda em luta directa contra o imperialismo internacional.

«Esta situação que o povo angolano está a viver é de facto uma luta de libertação nacional pois, após a sua libertação e independência vê-se obrigado a pegar em armas para que a sua indepen-

dência seja uma coisa verdadeira ao serviço do seu povo. É assim que a ajuda da União Soviética foi muito importante para a independência verdadeira do povo de Angola, para que possa tomar o seu destino nas suas próprias mãos».

O camarada Comissário Principal, que é acompanhado dos camaradas Tiago Ale-

(Continua na pág.º 8)

Vice-Presidente da Câmara Municipal

Após 17 meses de intensa actividade, a Câmara Municipal de Bissau passa a dispôr do seu primeiro vice-presidente. Trata-se do camarada Paulo de Jesus, ontem empossado numa cerimónia a que assistiram os camaradas Paulo Correia, Presidente do Comité de Estado da Região, Juvêncio Gomes, Presidente da edilidade, e Filinto Barros, Secretário-Geral da Presidência.

«A municipalidade de Bissau está a viver um momento bastante delicado, por falta de infraestruturas adequadas e de meios financeiros», salientou o camarada Juvêncio Gomes, ao usar da palavra durante a cerimónia de posse.

(Continua na página 2)

Oito anos depois do ataque ao aeroporto de Bissau

— «Foi daqui que atacamos!»
Acompanhado pela reportagem do «Nó Pintcha», o comandante André Gomes, membro do C.E.L. do P.A.I.G.C., mostra o local de onde, em 19 de Fevereiro de 1968, um grupo de patriotas atacou à morteirada e à «bazucada» o aeroporto de Bissau, mostrando aos colonialistas que, já naquela altura, não havia lugar onde pudessem estar descansados, livres do fogo libertador das armas dos nossos gloriosos combatentes!

(Ver páginas centrais)



TOMOU POSSE O VICE - PRESIDENTE DA CAMARA DE BISSAU

(Continuação da 1.ª pág.)

O novo vice-presidente tem 30 anos e é militante do Partido desde os 16, tendo desenvolvido a sua actividade patriótica quase sempre na clandestinidade, em Bissau, em condições particularmente difíceis. Foi preso pela criminosa Pide dos colonialistas quatro vezes, tendo estado na cadeia um total de nove anos. Apesar das torturas que lhe foram infligidas, o camarada Paulo de Jesus manteve-se sempre fiel ao nosso Partido, confiante na vitória da nobre causa da liberdade e da independência.

Amílcar Cabral evocado em França por jovens da Guiné-Bissau e Cabo Verde

Os militantes do Comité de França da Acção para a Juventude do PAIGC e da Associação Caboverdiana em França evocaram no passado dia 25 de Janeiro a morte do fundador da nacionalidade, camarada Amílcar Cabral.



Jovens envergando camisolas com a figura de Amílcar Cabral e as palavras «Independência nacional» entoaram canções da nossa terra e representaram uma peça de teatro de carácter patriótico, num palco improvisado, tendo como pano de fundo a Bandeira Nacional e um grande retrato do nosso saudoso líder.

Durante a manifestação, foi lido um texto conjunto das duas organizações em que, depois de se evocar os esforços de Amílcar Cabral pela libertação das nossas duas terras, se chamavam os jovens residentes no estrangeiro às suas responsabilidades.

O texto dizia, nomeadamente:

«Por ocasião das comemorações do terceiro aniversário do assassinato de Amílcar Cabral, nós militantes da AJP e ACF, lançamos um apelo vibrante a todos os camaradas irmãos e compatriotas dos nossos dois países para que não fiquem inactivos. Devemos conduzir, no seio das nossas duas organizações, de um modo consciente, eficaz e resolutivo, acções concretas, tanto do ponto de vista material como moral para elevar o nosso Partido e os nossos dois países. Aqui, em França, devemos formar-nos solidamente em todos os ramos de disciplinas e formar pelo nosso lado todos aqueles que não têm a sorte de frequentar os bancos da escola. Devemos pensar em regressar a curto e médio prazo para servir e trabalhar de coração aberto com o povo, pela reconstrução nacional da Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde».

RESPONDE O POVO

Que queres ser quando fores grande?

O futuro deste país está nas mãos das crianças que hoje se sentam nos bancos da escola, aprendendo aquilo que nunca ninguém ensinou aos seus pais.

Como vêem os meninos e meninas esse futuro? De que modo pensam vir a contribuir para o desenvolvimento do País?

GILDA CRISTINA DOS REIS F. MONTEIRO
(6 anos)

«Quando for crescida quero ser uma boa professora, para ensinar às pessoas velhas que querem aprender. No meu bairro, vejo muitas «mulheres grandes» irem à escola de noite para aprenderem a ler, escrever e contar.»

«Quando acabo de ajudar a minha mãe nos trabalhos de casa, vou para o quintal da minha vizinha brincar às escolas com as minhas amiguinhas.»

VERA LÚCIA PAQUETE
(10 anos)

«Hei-de ser médica, porque é o único curso que penso tirar. Gosto imenso desta profissão e sei perfeitamente que vou conseguir, através dos meus esforços. Quando for crescida e tiver já o meu curso nas mãos vou trabalhar muito para ajudar o nosso Estado no campo da saúde. Essa contribuição consistirá em ajudar os nossos camaradas em tudo o que diz

respeito à saúde duma pessoa, visto que é o que os nossos camaradas menos sabem.»

«Em minha casa, brinco com os meus irmãos aos hospitais. Eu sou médica e eles são os doentes, e eu dou-lhes às vezes injeções com seringas de plástico da minha boneca.»

JOSÉ MANUEL VIEIRA
(8 anos)

«Quando for grande, quero ser um bom engenheiro ou um bom arquitecto, para poder construir casas muito bonitas e pontes para a nossa terra.»

«Costumo brincar com os meus colegas, fazendo casas de lama ou de areia. Em minha casa os meus pais ensinam-me a fazer muitas coisas com papel de lustro ou mesmo papel de embrulhar as compras.»

LEONEL BORGES MORENO
(13 anos)

«Quando for grande a minha ambição é ser en-



fermeiro para poder tratar os camaradas que se encontram doentes no hospital ou aqueles que estão doentes em casa.»

«Quero ser enfermeiro, porque além de gostar muito dessa profissão, vejo que o nosso Estado precisa de muitos enfermeiros.»

«Para poder ter a minha profissão bem garantida tenho que estudar imenso e com muita boa vontade, porque só assim poderei ser um bom enfermeiro.»

CIRIFO SEIDI
(10 anos)

«O meu desejo quando for crescida, é ser professor para poder ensinar também aos outros camaradas que não sabem escrever nem ler.»

«Eu brinco quase sempre às escolas com os meninos do meu bairro e, se eles não sabem o que lhes ensino, zango-me com eles e às vezes batolhes com a palmatória ou «mantampa.»



Cooperação comercial com a Hungria

A convite do ministro do Comércio da República Popular da Hungria, dr. Biró Jozsef, partiu na passada quinta-feira para Budapeste uma delegação do nosso país formada pelos camaradas Armando Ramos, membro do Conselho Superior da Luta e Comissário de Estado do Comércio e Artesanato e Inácio Semedo, director-geral da Cooperação Internacional, que irá encetar conversações com vista à assinatura de um acordo comercial entre os dois países.

Para esse efeito, já tinha vindo, há tempos, ao nosso país, uma delegação húngara com quem foram discutidas as possibilidades de desenvolvimento da cooperação, dentro do quadro já existente desde os tempos da luta.

NÔ PINTCHA

Orgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

SEGUNDA-FEIRA — «HIGIENE» — Rua António N' Bana, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica - 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA;

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 18,30 horas — «OS QUE NÃO PERDOAM» — m/14 anos e às 20,45 horas — «CRUEL VINGADOR» — m/18 anos.

SEGUNDA-FEIRA — As 20,45 horas — «OBSESSÕES» — m/18 anos.

Silvino da Luz assinou um acordo de segurança com o Senegal

Conforme noticiámos na edição anterior do «Nô Pintcha», esteve em Bissau, de onde regressou na quinta-feira passada a Cabo Verde, o camarada Silvino da Luz, membro do Conselho Superior do Partido e ministro da Defesa e Segurança Nacional daquele país, que se tinha deslocado, à frente de uma delegação caboverdiana, ao Senegal, a convite do ministro senegalês do Interior, Jean Colin.

A delegação manteve conversações com o Governo senegalês, que culminaram com a assinatura de um acordo

de cooperação entre os ministros do Interior do Senegal e da Defesa e Segurança de Cabo Verde.

«Nesse acordo», contou-nos o Ministro da Defesa de Cabo Verde, «expressamos o desejo mútuo de ver melhoradas cada vez mais as relações entre o povo do Senegal e o nosso povo. Porque nós enquadrámos, como povo africano que somos, a nossa política dentro do mundo dos africanos a que pertencemos, e particularmente, com os países nossos vizinhos e com aqueles que, de uma forma mais ou menos intensa, nos ajudaram na nossa luta de libertação nacional. Por exemplo, a República da Guiné dispôs-nos todo o apoio necessário. A República do Senegal também nos apoiou, não em extensão tão grande, mas de qualquer modo, contribuiu para o desenvolvimento da nossa luta».

EMIGRAÇÃO

Ao longo do seu depoimento, o camarada Silvino da Luz referiu a emigração do seu país, dizendo: «Temos ainda uma forte emigração para a República do Senegal. Como sabem, o povo de Cabo Verde, atendendo à pobreza do nosso meio e como consequência, também, da própria dominação colonial, para fugir à seca e à miséria, teve que recorrer à emigração. Um dos países que aceitou a nossa emigração foi o Senegal. Há ainda aqueles jovens, em número mais reduzido, que fugiram ao cumprimento do serviço militar do exército colonial e às pressões racistas coloniais».

O camarada Silvino da Luz continuou:

«Temos uma preocupação enorme com esses emigrantes no Senegal, porque, com a política actual de senegalização de quadros (com a qual estamos inteiramente de acordo), a nossa gente podia ser mais ou menos envolvida. Mostrámos ao Governo senegalês, que, na altura da sua tomada de posição em relação a este problema, devia ter em conta a situação particular em que nos encontramos nas ilhas de Cabo Verde. Acabamos de ascender à independência e, não dispomos ainda de meios para consolidar, de facto, a situação económica e financeira da nossa terra. A situação de miséria e de exploração não foi totalmente abolida. É um trabalho de longa duração, de forma que não podemos ter grandes pretensões económicas em relação ao exterior. Mas temos a preocupação de melhorar as condições de vida do povo e de criar-lhe garantias no exterior».

ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

Qual é a tarefa prioritária em que a Direcção do Partido e do Estado estão empenhadas neste momento? «A tarefa prioritária, do nosso Governo, é a construção da nossa sociedade, assente em passos firmes para uma arrancada baseada na nossa própria realidade e experiência».

«Ao nível do Partido, outra tarefa fundamental é a consolidação das estruturas do nosso Partido e a criação a sério de organizações de massa... As organizações de massa devem ser dirigidas pelas ideias do Partido. O sindicato deve ser criado exclusivamente para defender os interesses dos trabalhadores, de acordo com as ideias políticas do Partido. Também se está a avançar com a organização das Mulheres que tem estado bastante activa, particularmente nas ilhas de S. Vicente e S. Tiago. Recentemente, operou-se a organização da nossa juventude, em moldes não tão idealistas como anteriormente e assentando sobretudo nas nossas realidades que se inspiram, no aspecto teórico, na produção do nosso Partido, e particularmente nas ideias do camarada Cabral. A juventude actual tende decal-

car experiências de outros países do mundo, esquecendo que cada país tem as suas particularidades, tem o seu próprio ambiente e as circunstâncias particulares em que a sua revolução se desenvolve.

«É certo que estamos no início e devemos servir-nos das experiências dos outros, não para copiar, mas para aproveitar os aspectos positivos e enriquecer as nossas próprias experiências».

«Ora, a nossa juventude, inexperiente, idealista, querendo avançar muito, por vezes, esquece certas coisas. Esse problema da vida nacional é como uma corrida de fundo. Um atleta numa corrida de cinco mil metros, se arranca com uma velocidade, como se estivesse a correr para cem metros, é evidente que antes de atingir metade do percurso, cai exausto».

É preciso sabermos dividir as nossas energias, canalizar os nossos esforços e agir racionalmente, de modo a podermos, de uma forma mais tranquila, avançar para o fim desejado».

O ano de 1976 é um ano em que se completa o 20.º aniversário da fundação do nosso Partido, em que se reunirá o III Congresso do PAIGC e, possivelmente, em que serão trasladados para a nossa terra os restos mortais do saudoso camarada Amílcar Cabral. Qual é, para o camarada Silvino da Luz, a importância destes três factos?

«O ano de 76, para nós, deve ser um ano de austeridade e de esforços, no aspecto económico. Quando nos lembramos que será este ano que regressa o corpo do camarada Amílcar Cabral para a sua terra, devemos fazer uma reflexão para formos em prática certos princípios que sempre defendemos».

«Inspiremo-nos na sua experiência e na sua vida e procuremos ser mais militantes e mais revolucionários, com modéstia, dentro da devida proporção, como homens revolucionários. Honremos a memória daquele camarada contribuindo a sério para a nossa sociedade».

«Conhecendo as nossas deficiências, abstraído de um certo egoísmo ou pessoalismo, na maneira de encarar as coisas, devemos trabalhar para que o nosso povo em geral possa beneficiar de todas as conquistas feitas...»

Depois de classificar a agressão estrangeira contra a R.P.A. como uma agressão contra a África, e, sobretudo, contra os países progressistas, exortou a encerrar as nossas fileiras à volta dos nossos ideais, que devem ser inspirados no internacionalismo.

Aristides Pereira recebeu Basil Davidson

Procedente de Bissau, chegou na terça-feira passada à República irmã de Cabo Verde, o escritor britânico Basil Davidson, especialista em assuntos africanos, acompanhado da sua esposa. À chegada, foi recebido pelo camarada Presidente Aristides Pereira. Durante a sua estadia no país irmão, o escritor britânico terá encontros com autoridades de Cabo Verde e tomará contacto com as realidades deste país.

Basil Davidson interessou-se pessoalmente pela luta dos movimentos de libertação nacional, contra o colonialismo e o neo-colonialismo, e foi um dos primeiros estrangeiros a denunciar a política colonial portuguesa.



Amílcar Cabral

«Combater o oportunismo na cultura»

«O que nós queremos é que aqueles que foram estudar, que adquiriram mais conhecimentos respeitem os nossos dirigentes, porque eles é que são os dirigentes de facto, mesmo se não foram à escola. Mas que viu alguma deficiência, deve penetrar no meio dos camaradas para ajudar a levantar cada vez mais, a melhorar o nível das nossas coisas. Isso é que é dum pessoa que sabe mais, que aprendeu mais do que os outros e que nos vem ajudar. Misturar-se, confundir-se, fas não esquecer que é preciso ajudar a levantar, a levantar cada dia mais.»

«Devemos combater tudo quanto seja oportunismo, mesmo na cultura. Por exemplo, há camaradas que pensam que, para ensinar na nossa terra é fundamental ensinar no crioulo já. Então outros pensam que é melhor ensinar em fula, em mandinga, em balanta. Isso é muito agradável de ouvir, os balantas se ouvirem isso, ficam muito contentes, mas agora não é possível. Como é que vamos escrever balanta, agora? Quem é que sabe a fonética do balanta? Ainda não se sabe, é preciso estudar primeiro, mesmo o crioulo. Eu escrevo por exemplo, n'ca na bai. Um outro pode escrever por exemplo n'ka na bai. Dá na mesma. Não se pode ensinar assim. Para ensinar uma língua escrita, é preciso ter uma maneira certa de a escrever, para que todos a escrevam da mesma maneira, senão é uma confusão do diabo.»

«Mas muitos camaradas, com sentido oportunista, querem ir para a frente com o crioulo. Nós vamos fazer isso, mas depois de estudarmos bem. Agora a nossa língua para escrever é o português. Por isso é que vale a pena falar-se aqui tanto o português como o crioulo. Não somos mais filhos da nossa terra se falarmos crioulo, isso não é verdade. Mais filho da nossa terra é aquele que cumpre as leis do Partido, as ordens do Partido, para servir o nosso povo.»

«Ninguém deve ter complexos porque não sabe balanta, mandinga, papel ou fula ou mancanha. Se souber, melhor, mas se não sabe, tem que fazer com que os outros o entendam, mesmo que for com gestos. Mas se está a trabalhar bem no Partido, vai para a frente. Porque quem é que sabe mais manjago do que o traidor Joaquim Batican? Quem sabe mais fula do que o traidor Sene Sané, quem sabe mais «dotorindade» dos fulas do que o traidor Tchern Rachid? Camaradas, tenham paciência, mas quem é que sabe mais balanta que o traidor Fuab? Temos que ter coragem de contar aos camaradas as coisas claras. Os nossos valores, sim senhor, mas sem oportunismo.»

«Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O português (língua) é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram, porque a língua, não é prova de mais nada, senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros; é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo. Assim como o homem inventou o rádio para falar à distância, sem falar com a língua, só com sinais, o homem através do tempo do seu desenvolvimento, começou a falar, a necessidade de comunicar-se fê-lo começar a falar. Desenvolveu as cordas vocais, etc, até falar. E como a língua depende do ambiente em que se vive, cada povo criou a sua própria língua.»

«Se repararmos, por exemplo, na gente que vive perto do mar, a sua língua tem muita coisa relacionada com o mar; quem vive no mato, a sua língua tem muita coisa relacionada com as florestas. Um povo que vive no mato, por exemplo, não sabe dizer bote, não conhece o bote, não vive no mar. Por exemplo, na língua de certos povos da Europa, as coisas do mar, da navegação, dizem-se como em Português, porque os portugueses viviam junto da mar. Tudo isso tem a sua razão de ser.»

PORTUGAL: AS PALAVRAS E OS ACTOS

O camarada Osvaldo Lopes da Silva, ministro caboverdiano do Planeamento e Desenvolvimento Económico, manifestou a sua «decepção por não se ter chegado a acordo sobre problemas vitais» para o seu país, fazendo notar que isso pode vir a «envenenar o espírito de cooperação entre os dois países».

O camarada Osvaldo Lopes da Silva exprimiu este ponto de vista durante a cerimónia da assinatura dos acordos com que culminou a terceira fase das negociações com Portugal, cujos resultados só parcialmente foram satisfatórios. Minutos antes, o ministro português da Cooperação, comandante Vítor Crespo salientara o «espírito de amizade e franco diálogo» que presidiu às negociações.

O representante do país irmão não pôs em causa este espírito de amizade e diálogo. Pelo contrário, referiu que a sua delegação partia com toda a simpatia pelos representantes das autoridades portuguesas, em quem viram uma «grande vontade de cooperação com Cabo Verde». O que não quis foi deixar de salientar a clivagem existente entre as intenções e os actos, lembrando aos seus interlocutores que «resta ser coerente com essa vontade de cooperação e ter coragem para resolver os problemas dependentes».

Donativo da Cruz Vermelha

GENEBRA (AFP) — Cento e dezassete mil dos 300 mil habitantes das Ilhas de Cabo Verde sofrem as consequências da seca, e 75 mil refugiados de Angola regressaram ao País, anunciou em Genebra, a Liga da Cruz Vermelha Internacional.

A Liga indica que a seca flagela há oito anos o Arquipélago e lança um novo apelo em favor dos sinistrados.

Acrescenta que recebeu para estas ilhas, 700 mil francos suíços, (cerca de 7 200 milhões), dados, em espécie, pela Cruz Vermelha Nacional.

Relações com o México

MÉXICO (TASS) — O México e a República de Cabo Verde estabeleceram relações diplomáticas ao nível de embaixadas, segundo foi anunciado na capital daquele país.

ATAQUE AO AEROPORTO DE BISSAU

Um feito heróico da história da nossa luta evocado 8 anos mais tarde, pelo Comandante André Gomes



COMANDANTE ANDRÉ GOMES

André Pedro Gomes, nasceu no dia 30 de Novembro de 1944, em Binar, filho de Pedro Gomes e de Pundú Pereira.

Entrou no Partido, seguindo imediatamente para a luta, em Outubro de 1962, na frente Norte, que era dirigida nessa altura pelo camarada Osvaldo Vieira, tendo como adjunto o camarada Chico Té.

Em 1967, fez uma curta preparação militar na República popular da China, tendo regressado em meados de Dezembro do mesmo ano. Em seguida, foi nomeado Comissário Político do sector de Naga.

Na reunião da Direcção do Partido em 1970, foi nomeado membro do Comité Executivo da Luta do Partido. O camarada André Gomes ocupa actualmente as funções do Chefe de Formação de Quadros das FARP e é membro de Estado-Maior das Forças Armadas Revolucionárias do Povo.

A 19 de Fevereiro de 1968, um comando de 13 camaradas dirigido por André Pedro Gomes atacou à morteadada e à «bazucada» o aeroporto de Bissau, provocando a mais completa surpresa e desorganização entre a tropa colonialista, que se julgava absolutamente à vontade nos seus redutos da ilha de Bissau.

A operação ficou lendária na nossa luta e elevou a confiança dos nossos combatentes que verificaram não estar fora do seu alcance nenhum objectivo na nossa terra.

Passados oito anos, «NÓ PINTCHA» tentou reconstituir a operação. Para isso ouvimos o camarada André Gomes, membro do Comité Executivo da Luta do PAIGC e membro do Estado-Maior das FARP.

FALA O CHEFE DA OPERAÇÃO

Recordou para os nossos leitores o camarada André Pedro Gomes:

«O ataque ao aeroporto de Bissau foi decidido pela direcção superior do Partido em 1967. Nessa altura encontrava-me na China a fazer preparação militar; de seis meses. O camarada Amílcar Cabral é que planeou isso.

«Após o meu regresso da preparação militar em meados de Dezembro do mesmo ano fui incumbido de levar a cabo este arrojado ataque às instalações do aeroporto de Bissalanca. Comecei a prepará-lo e em Janeiro de 1968 reuni com o camarada Amílcar Cabral para estudarmos

em conjunto como é que a operação devia ser feita. Estivemos durante 15 dias a discutir a melhor maneira de realizar esse ataque com êxito, marcando os itinerários que eu devia seguir. Ainda estava em Conakry quando o camarada Secretário-Geral se deslocou ao Norte do País e fez a reunião em Zinguichor, com os responsáveis dessa Frente. Nessa mesma ocasião, mandou os camaradas Carrona e Pinto para me irem buscar; mas, entretanto, eu já tinha entrado e encontrava-me em Cundara. O camarada Chico Té estava à minha espera para a realização do ataque. Quando me apresentei ele entregou-me os projectos dessa operação».

«Então escolhi os melhores camaradas para esta missão tão arriscada. O nosso Secretário-Geral preconizou-nos que no fim do ataque podíamos deixar ficar as nossas armas, pois as dificuldades eram enormes e talvez não pudéssemos voltar com elas. Levámos para esse ataque

morteiros 82, e outras armas ligeiras.

Parti para Naga, local onde eu ia ficar como Comissário Político, onde contactei o camarada Julião, que era o responsável desse sector. Escolhemos 13 camaradas, alimentação, armamentos e as vias mais fáceis de alcançar o aeroporto de Bissalanca.

«Arrancámos para tão arrojada empresa pela via Safim. Preparámos a nossa canoa, mas um traidor do nosso povo furou-nos a canoa e tivemos que mandar alguém à fronteira para ir buscar um bote de borracha. Regressou no dia 30 de Janeiro».

«Só saímos no dia 12 de Fevereiro para Tchoquemone onde troquei impressões com os camaradas Honório da Fonseca e Forré Na'Betna. Dali fomos para S. Vicente e depois João Landim. A missão exigia segredo especial. Só podíamos comunicar única e exclusivamente com o responsável de cada base onde chegávamos. Na zona entre Có e Bula, em que os inimigos circulavam à vontade, só atravessámos a altas horas da noite. Chegámos ao rio Mansoa à uma hora. O nosso bote de borracha não nos podia transportar de uma margem a outra de uma só vez, mas tivemos muita sorte, porque conseguimos arranjar ali uma canoa. Quando já estávamos quase ao

meio do rio surgiu-nos um barco da armada portuguesa; mas como o bote não era equipado de motor, e nos deslocávamos a remo não deram connosco. Demoramos três horas atravessar o rio e nessa altura já era uma hora».

«Perguntei ao camarada N'Ba-na Cabra, que era o nosso guia, pois ele conhece bem essa área, se podíamos chegar ao aeroporto antes das três horas. Respondeu afirmativamente, mas duvidei. Insisti que ficássemos para atacar na noite seguinte. Tínhamos passado dias sem comer e um dia sem beber. Com a carga que tínhamos, verifiquei no mapa o espaço que faltava percorrer e isso levou-me a recusar, terminantemente, a ir nessa noite».

«No dia 19 partimos às 18 horas e só atingimos o aeroporto às 23 horas e 30 minutos. Imediatamente nos instalámos frente à pista e abrimos fogo. Nesse dia não se encontrava nenhum bombardeiro na pista, pois a nossa missão era destruí-los por completo. Somente se encontrava lá um helicóptero, que foi atingido. Os restantes estavam todos nos hangares. Atingimos também casernas dos pára-quedistas, onde causámos 21 mortos pelas informações recebidas depois do ataque. Na altura em que atacámos encontrava-se no aeroporto um avião sul-africano que imediata-

«Levantar bem alto os nomes dos camaradas que hoje, depois de terem a força, a coragem e a capacidade para fazerem bem aquilo que

Por ocasião da entrega das condecorações aos camaradas André Gomes e Joaquim N'Kom, que comandaram o grupo que atacou o aeroporto de Bissau, em Fevereiro de 1968, o camarada Amílcar Cabral pronunciou um improvisado, em crioulo, do qual apresentamos a tradução em português.

«Camaradas, vamos fazer aqui uma cerimónia pela primeira vez, mas antes disso quero falar-vos um pouco da história da nossa luta».

«Em 1954, em Bissau, um carpinteiro filho da nossa terra, de apelido Semedo, foi morto pelo seu patrão colonialista. Isso levantou um grande problema em Bissau, foram alguns camaradas comunicar-me o facto e eu disse-lhes que era preciso tomar muito cuidado e que não devíamos dar aos «tugas» ocasião para fazerem mal à nossa gente. Mas, era bom que fizéssemos alguma coisa pois antes que essa ordem chegasse aos ouvidos da nossa gente, já o povo corria nas ruas e eu mesmo saí, mas vários camaradas nossos obrigaram-me a regressar de novo para casa, porque já tivera diferendos com os «tugas». Então, um grupo de mulheres di-

rigiu-se ao Palácio do Governador, exigindo a prisão do patrão, o que foi feito mesmo. Até à tarde desse mesmo dia, tudo ficou sossegado. Todo o nosso povo desceu do Chão de Papel, Alto Crim e Cupelon, em direcção da casa mortuária, para ver o defunto nosso amigo, que foi assassinado por um europeu».

«Nesse tempo, pensávamos que a nossa luta era difícil de verdade, mas as mulheres dos bairros africanos de Bissau mostraram-nos que, se quiséssemos, podíamos fazê-la. Contrariamente àquilo que os «tugas» diziam e pensavam, o povo de Bissau mostrou-lhes: mandou prender o assassino do nosso irmão. Isso deu-nos imensa coragem no nosso trabalho e já lá vai 15 anos que isso se passou».

«Hoje, estamos aqui reunidos, numa base de apoio dentro da nossa terra, para levantarmos bem alto os nomes de alguns camaradas nossos, combatentes e militantes do nosso Partido, filhos do nosso povo, que foram capazes de cumprirem uma missão grandiosa, cumprindo as palavras de ordem do nosso Partido. Mas, antes, quero fazer-vos ver bem claro que tudo que já fizemos na nossa terra não foi mais que isto: um povo

dominado durante mais de 100 anos e com a presença de europeus há mais de 500 anos, um povo que tem 99,5 de analfabetos, um povo que não tem escolas nem hospitais, nem roupas para se vestir, um povo que, nas suas tabancas ou nas praças que os tugas mandam, foi capaz, nesta África nova que está a despertar, de pegar em armas para fazer a luta devido ao valor dos seus filhos. Isto, camaradas, é uma grande coisa».

«A nossa terra é pequena, e temos aguentado a luta desde início quase sem armas, durante a mobilização, em que os camaradas mostraram a sua grande coragem, passando fome e outras privações, para mobilizar o nosso povo, escondendo-se dos agentes da PIDE. Isso são grandes actos de coragem! Continuamos decididos a libertar a nossa terra e já libertamos uma grande parte dela. Temos conseguido organizar o nosso povo, fazendo escolas e hospitais, e desenvolvendo cada dia mais o nosso Partido e as nossas Forças Armadas. Isso é uma grande vitória do nosso povo, na sua história, no caminho que não é só para ele, mas para todos os povos de África!»

«Temos que levantar bem alto os nomes daqueles camaradas que, ho-

je, depois de tanto tempo que passamos na luta, têm a força, a coragem e a capacidade para fazerem bem aquilo que o Partido manda fazer. No início desta luta, quando os nossos irmãos andavam a esconder-se em Tite, em Catió ou em Morés dos «tugas», não realçámos o nome de ninguém. Só em reuniões pequenas é que nós dizíamos aos camaradas, que nem sequer estavam armados que tinham feito um bom trabalho e que deviam continuar para a frente».

«Mas, hoje, depois de tudo o que os camaradas têm feito, vamos tomar cada dia mais novas decisões e avançar cada dia com mais força, coragem e mais entusiasmo, pois somos capazes de fazer tudo que queremos. É bom que comecemos agora a gritar, a realçar os nomes daqueles camaradas que cumprem bem o trabalho indicado pelo Partido, e, por outro lado, temos que atacar duro, que castigar, se tal for preciso, que censurar, que criticar e, se for necessário, que demitir, aqueles camaradas que querem estragar o trabalho do nosso Partido».

«Camaradas, o povo de Bissau levantou-se pela morte de um irmão nosso, assassinado pelo Silva, eles

mostraram-nos o caminho. Em 1959, os estivadores do porto de Bissau, com os barcos de cabotagem pertencentes à casa Gouvêa e à casa Ultramarina (os exploradores do nosso povo), fizeram greve e muitos foram mortos, o que levantou uma grande onda de indignação no seio do nosso povo. Isto indicou-nos qual o caminho que devíamos seguir para acabar com a dominação estrangeira na nossa terra».

«As nossas reuniões em Bissau eram muito secretas, em casa de um ou de outro, na porta de um ou de outro, ou até mesmo no carro de um ou de outro, numa estrada ou numa rua, mas pouco a pouco, fomos desenvolvendo a nossa capacidade de trabalho. Em determinada altura, na nossa terra, se dissesses a uma pessoa que íamos lutar contra os «tugas», ela dizia-te que estavas louco. Mesmo depois de um ano de luta armada, dizer que era possível avançarmos e atacarmos as instalações do aeroporto, com os seus aviões em Bissau, era passar por mentirosos».

«Lembro-me daquilo que eu tinha dito aos camaradas. Estávamos na fronteira do Gabú, na formação do exército, em 1964. Estava lá o ca-

Uma armada ante André Gomes

mente levantou voo».

«Obtivemos uma grande vitória com esse ataque, pois a imprensa mundial difundiu muito esse ataque sendo a Voz da América a primeira emissora a dar essa notícia. Mostrámos aos «tugas» que éramos capazes de atacá-los fosse onde fosse, pois diziam que Bissau não podia ser atacado».

«O exército colonial português nunca pensou que pudéssemos atacá-lo ali e por isso o nosso ataque foi uma surpresa. De tal modo que não obtivemos nenhuma resposta da parte deles quando abrimos fogo. Após o ataque arrumámos as nossas armas e embora o camarada Amílcar Cabral nos desse ordem de deixá-las ali, não fizemos isso porque não queríamos que os inimigos as encontrassem. Levámo-las e retirámos quanto antes pois os «tugas» estavam enfurecidos e queriam, a todo o custo, apanhar-nos. Passado algum tempo, desencadearam uma ofensiva por terra, mar e ar. Era uma hora e meia e já nos encontrávamos na margem do rio onde tínhamos deixado o nosso bote, com dois camaradas a guardá-lo. Atravessámos o rio, deixando a área de Bissau, pois na outra margem não havia tanto perigo, já não tínhamos tantos rios a atravessar. Ao chegarmos à outra margem estava precisamente a ama-

nhecer e estavam já a sobrevoar a área os helicópteros em todos os lados. Metemo-nos no terraço e ficámos ali escondidos».

«Com a fome e a sede que estávamos, bebíamos água salgada e comíamos cacre (espécies de caranguejos) crus e calabaceiras. As nossas fardas estavam esfarapadas. Assim fomos atravessando os rios que encontrávamos e, com tanto frio que se fazia sentir nesse tempo, nem podíamos fazer fogueiras para nos aquecermos, pois os inimigos estavam em nossa perseguição. Já não podíamos aguentar mais com a fome».

«Então fomos a uma tabanca e dirigimo-nos directamente ao chefe porque os nossos alimentos já se tinham esgotado, acabara a farinha de arroz com o mel. Pedimos que nos desse de comer. Tentou recusar mas insistimos acabou por matar um porco e ali recuperámos as energias».

«Retomámos a marcha em direcção a nossa base, mas antes de lá chegar fizemos uma pequena escala na base de João Landim, onde fomos recebidos pelo camarada Forre Na Betna e demais camaradas como autênticos heróis. Dali seguimos para a base de S. Vicente, onde fui atacado por fortes dores de barriga. Pernoitámos nessa base e no dia

(Continua na pág. 8)

«... tanto tempo de luta, e o Partido manda fazer»

marada Osvaldo e outros. Eu disse-lhes que então sairiam várias subseções do exército por aí fora, mas havia um caminho que devíamos seguir, não dali a um mês, nem dali um ou dois anos: devíamos-nos preparar para atacar o aeroporto de Bissau. Estamos aqui hoje, camaradas, à frente dos filhos da nossa terra, militantes do nosso Partido e combatentes do nosso Povo, que foram capazes de realizar esse sonho de alguns dirigentes do nosso Partido, que estavam nessa altura na formação de exército, no Gabú».

«Foi com maior honra e alegria que concordei com a ideia de dirigentes políticos do nosso Partido no Norte que, em coordenação com os comandos do Norte, comunicaram-nos que era necessário vir aqui entregar condecorações. A palavra «condecorar», é a primeira vez que saiu na nossa boca. Até hoje, nunca a usámos. Isto marca, portanto, uma nova fase, um novo caminho no momento mais importante da nossa luta».

«É certo que todos nós temos muito trabalho a fazer, cada um no seu lado, nesta coisa grande e única que é o nosso Partido. O tempo é insu-

ficiente, porque temos que recorrer de uma banda para outra, a fim de realizarmos um trabalho a fundo, que é a nossa função. Mas talvez não exista nenhum momento mais agradável, para mim, do que este, em que vim, com os camaradas dirigentes do Partido, conceder condecorações aos nossos camaradas».

«Camaradas, na vida de um povo, como na vida de uma organização como na nossa, de luta, desde o início tem que se saber distinguir aqueles que são válidos dos que não o são. Aqueles que são bons, corajosos, e aqueles que são melhores ou piores. Entre os bons, há os que são melhores. E entre os maus, há os piores também. Aqueles que forem melhores, que melhorem ainda mais e aqueles que forem bons, transformem-se em melhores. É na própria luta que as pessoas se distinguem, umas das outras. A luta de um povo como o nosso, tem que fazer tudo, inclusivé homens conscientes, com a consciência de africanos e de gente que quer construir uma nação verdadeira».

★ Conclui no próximo número



“Lala quema, cau di sucundi ca tem”!

Após o ataque ao aeroporto de Bissau, em 19 de Fevereiro de 1968, o Bureau Político emitiu o seguinte comunicado:

«Depois duma preparação minuciosa e cumprindo rigorosamente uma decisão do Conselho de Guerra do nosso glorioso Partido, um comando do nosso Exército Popular utilizando morteiros e «bazookas», atacou na noite de 19 de Fevereiro, o Aeroporto Internacional de Bissau, base aérea principal das tropas colonialistas, situada na ilha de Bissau, a 10 kms. da capital colonial».

«Dirigiram esta operação os camaradas André Gomes e Joaquim N'Kom, depois de terem recebido ordens expressas da Delegação Permanente do Bureau Político na Frente Norte, através do comando dessá Frente e do comando do Sector de Luta a que pertencem».

«No decurso desse corajoso ataque, que fica gravado na História da nossa luta, os nossos combatentes destruíram a torre de controle do aeroporto e 2 aviões ao inimigo. A operação traduziu-se, portanto num grande sucesso, reforçado pelo facto de que não sofremos qualquer perda. Embora o sucesso do ataque ao aeroporto de Bissau tenha por si só um alto significado militar e político, dispensando comentários especiais, o Bureau Político do Partido entende dever chamar a atenção de todos os responsáveis e combatentes da nossa luta vitoriosa de libertação nacional, assim como a do nosso povo e de todos os estrangeiros vivendo no nosso país, para os factos seguintes:

1. Fazendo provas, mais uma vez, da grande experiência já adquirida pelos nossos combatentes, o ataque ao aeroporto de Bissau mostrou o alto nível de desenvolvimento atingido pela nossa luta.

2. O sucesso alcançado e as perdas infligidas ao inimigo provam, claramente, que, com o material de que dispomos e disporemos cada dia mais, todas as iniciativas são viáveis na nossa luta, e que nenhuma operação que seja bem planeada e bem preparada é impossível para as nossas Forças Armadas.

3. Tendo destruído numa única operação, dois aviões, danificando vários outros e causando prejuízos materiais às instalações do aeroporto, além de perda em vidas humanas, ficou assim demonstrado que existe mais um meio eficaz de combater a acção

vergonhosa da aviação dos criminosos colonialistas portugueses contra as populações pacíficas das nossas regiões libertadas.

4. Tanto as tropas colonialistas, prisioneiras nos quartéis e campos fortificados e objecto frequente do fogo das nossas armas, como as populações que ainda não compreenderam o alto nível atingido pela nossa luta e se deixam enganar pelos criminosos colonialistas portugueses, ficaram, depois deste ataque, conscientes de que não há qualquer ponto do nosso país onde haja segurança sob a protecção dos colonialistas portugueses. Ficaram sabendo que, como diz o nosso povo, «Lala quema; cao di sucundi cá tem».

5. O ataque ao aeroporto de Bissau e o sucesso alcançado na sua execução, são um grande encorajamento para o nosso povo heróico e para os nossos combatentes que, reforçados na sua determinação, vão seguramente redobrar de audácia, multiplicar as iniciativas e infligir novas e mais pesadas derrotas aos criminosos colonialistas portugueses.

6. Condenados a morrer ingloriamente na nossa terra em defesa de interesses criminosos que nada têm que ver com os verdadeiros interesses do povo português, os soldados, sargentos e oficiais portugueses saberão tirar as devidas lições desse ataque, para avaliarem quanto mentira lhes contam os seus chefes colonialistas quando lhes afirmam que vão ganhar a guerra e que as nossas Forças Armadas estão destruídas.

7. Sendo certo que, contrariamente ao que fazem todos os dias os cobardes aviadores portugueses, que reduzem a cinzas as tabancas das nossas regiões libertadas, nós não estamos interessados em destruir os centros urbanos que são o produto do trabalho do nosso povo. O ataque vitorioso ao aeroporto de Bissau, a poucos quilómetros de Bissau, mostra claramente às autoridades coloniais do nosso povo e ao mundo, que estamos decididos a tomar todas as medidas para libertar a nossa terra e que se para isso fôr indispensável agir duramente contra os principais centros urbanos temos e teremos cada dia mais os meios humanos e materiais para o fazer. Considerando o alto significado político e militar do ataque ao aeroporto de Bissau, facto que abre uma nova fase na luta heróica do nosso povo pela libertação nacional, o Bureau Político do Partido Africano da

Independência da Guiné e Cabo Verde:

1.º) Felicita o Conselho de Guerra do Partido pela iniciativa que teve ao tomar a decisão de mandar preparar e ordenar a execução desta operação;

2.º) Manifestar a sua satisfação pelo sucesso obtido e pelo facto de não termos tido nenhuma perda nesta operação;

3.º) Conceder aos seguintes camaradas, que tomaram parte nesta operação, a condecoração POR CORAGEM E DECISÃO NO CUMPRIMENTO DE UMA MISSÃO ESPECIAL, condecoração que será marcada com a Estrela Negra do Partido, para os 2 primeiros que dirigiram o Comando:

1. Camarada André Gomes, Comissário Político do sector de luta de Naga;
2. Camarada Joaquim N'Kom, Comandante de Bi-Grupo;
3. Camarada Nham Nham, Comandante de Bi-Grupo;
4. Camarada Buntu Candé, Chefe de grupo;
5. Camarada Augusto Vieira, Chefe de grupo;
6. Camarada Domingos Dias, atirador de bazuka;
7. Camarada Abílio Sanhá, atirador de bazuka;
8. Camarada Joaquim Montam, morteirista;
9. Camarada Duarte N'Bana, morteirista;
10. Camarada Clode Dum-Na, atirador de bazuka;
11. Camarada Mário Campos, morteirista;
12. Camarada N'Bana Cabra, atirador;
13. Camarada Mentem Bidém, atirador.

4.º) Incita os combatentes das nossas Forças Armadas, de todas as frentes de luta a seguirem o exemplo fecundo destes camaradas, a redobram de esforços, a multiplicarem as suas iniciativas e a darem golpes cada dia mais duros às tropas colonialistas de terra, mar e ar, infligindo assim, novas e mais pesadas derrotas aos criminosos colonialistas portugueses.

Viva os corajosos combatentes que atacaram o aeroporto de Bissau!

VIVA os Gloriosos Combatentes das Nossas Forças Armadas!
VIVA O PAIGC!
ABAIXO o colonialismo português!

Avante, camaradas, para novas e decisivas vitórias contra o inimigo!

O Bureau Político do PAIGC
Março de 1968

HOJE À NOITE

UDIB - BENFICA

PARA O CAMPEONATO

Benfica e UDIB defrontam-se esta noite no Estádio Lino Correia, em Bissau, iniciando-se assim a décima-primeira jornada do Campeonato Nacional de Futebol. A jornada concluiu-se amanhã com os jogos: Farim-Bolama, Ajuda-Gabú, Bula-Sporting, Bafatá-Balantas, Tombali-Bissorã e Ténis-Cantchungo.

Para o campeonato de reservas, realizam-se hoje e amanhã de manhã os jogos: Ténis Clube-Benfica e Desportivo de Farim-FARP.

O Sheik Badji presidiu em Bissau à cerimónia islâmica do "Gamo"



Organizada pela comunidade muçulmana de Bissau, e sob orientação do Sheik Ussumane

Badji, membro do Conselho Supremo da Revolução Islâmica, que para o efeito se deslocou ao nosso país, realizou-se na passada sexta-feira, na Mesquita velha a cerimónia sagrada do Islão chamada «Gamo». Esta cerimónia, conforme nos explicou o chefe muçulmano, é como que uma indulgência às faltas cometidas pelos nossos irmãos muçulmanos durante o regime colonial, tendo sido muito deles utilizados para irem rezar a Meca a fim de que a nossa luta não triunfasse. Durante a mesma cerimónia os fiéis muçulmanos juraram fidelidade aos princípios do nosso Partido, comprometendo-se a enviar todos os esforços no sentido de contribuir para a justa causa da nossa luta.

A cerimónia decorreu no largo da Mesquita, iniciando-se cerca das 20 horas com a chegada do Sheik Ussumane Badji, acompanhado dos camaradas João Bernardo Vieira (Nino), membro do Secretariado Permanente do CEL, e Comissário das Forças Armadas e Presidente da Assembleia Nacional Popular, Umarú Djaló, membro do CEL do Partido e Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Bacar Cassamá, do CSL e Chefe da Casa Civil da Presidência, Flávio Proença, nosso embaixador no Senegal, Lay Seck, Presidente do Comité de Estado da Região de Gabú, além de vários outros membros do Partido e do Estado que seguiram de perto o desenrolar das cerimónias que iriam prolongar-se mais de duas horas.

Após a sua chegada, estes camaradas foram recebidos por Juvêncio Gomes, Presidente da Câmara Municipal de Bissau, Tiago Aleluia Lopes, da organização do Partido em Bissau, Paulo Correia, Presidente do Comité de Estado da região de Bissau, Armando Ramos, Comissário de Estado do Comércio e Artesanato, e por todos os chefes muçulmanos que ali se encontravam presentes.

Depois de terem sido apresentados os cumprimentos aos convidados, o camarada Nino, usando da palavra, saudou todos os presentes, em nome do Partido e do Estado. Referiu-se à importância daquela cerimónia e ao facto de ser presidida pelo Sheik Ussumane Badji, um amigo nosso de há longa data. Salientou as relações sempre existentes entre o nosso ilustre hóspede o camarada Presidente e a participação do Sheik na nossa luta, ainda que não fisicamente. Em seguida falou na liberdade que cada cidadão do nosso país tem em seguir uma religião, ou não ter religião nenhuma. Terminou desejando ao nosso hóspede e a toda a sua comitiva uma boa estadia no nosso país.

O Sheik Ussumane Badji, usando então da palavra, falou do significado daquela cerimónia, posto o que, reunindo à sua volta todos os chefes muçulmanos

ali presentes, evocou a luta de libertação levado a cabo pelo nosso glorioso Partido, o PAIGC. afirmou: «Foi graças à vitória dessa luta que estamos todos reunidos neste dia para pedir perdão para todos aqueles que agiram contra os princípios do Alcorão, colaborando com os colonialistas que queriam manter o nosso povo na mais vergonhosa opressão e miséria». Terminaram jurando fiel dedicação à justa causa da nossa luta.

Antes de se efectuar o lanche oferecido em honra do Sheik Ussumane Badji, o camarada Lamine Aidará, nosso embaixador na República Islâmica do Egipto, manifestou a sua satisfação em participar nesta cerimónia que classificou de «reunião de solidariedade religiosa».

Reafirmou as palavras do Aladje Fodé May Turé de que todos os muçulmanos devem estar unidos para assim poderem enveredar por um caminho que irá servir, não só os interesses da comunidade islâmica, mas também os do nosso povo em geral. Aquele camarada referiu-se ainda à necessidade de formação de uma organização muçulmana, à semelhança do que acontece noutros países, com representação a nível internacional e com intercâmbio entre os vários países e organizações islâmicas.

FIDÉLIS DE ALMADA NA ALEMANHA

BERLIM (TASS) — Horst Sinderemann, presidente do Conselho de Ministros da República Democrática Alemã, recebeu na quinta-feira passada, o camarada Fidélis Cabral de Almada, Comissário de Estado da Justiça da República da Guiné-Bissau, actualmente em visita a Berlim.

Horst Sinderemann falou àquele camarada da realização e das decisões do 8.º Congresso e dos preparativos para o 9.º Congresso do seu Partido. O camarada Fidélis Almada evocou as actividades do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), assim como das tarefas de desenvolvimento social e económico do País. Os interlocutores examinaram, igualmente, os problemas que dizem respeito ao reforço das relações de amizade entre a RDA e a República da Guiné-Bissau.

Contubuel

Fuga de divisas

Efectuou-se uma reunião de trabalho, no sector de Cuntubuel, com os responsáveis do Partido em serviço naquela localidade, a fim de debater assuntos relacionados com a compra de divisas e fuga de produtos nacionais para o Senegal.

PEQUENOS ANÚNCIOS

Segundo decisão da Comissão de Estudo da Situação dos Prédios do Estado e de Propriedades Privadas, os últimos procuradores dos ausentes ficarão como fiéis depositários dos bens que vinham administrando, com a obrigação de prestarem contas ao Banco Nacional da Guiné, logo que este comece a receber as procurações.

Esta decisão vem na continuidade do Decreto n.º 60/75, que estabelecia que o Banco Nacional da Guiné-Bissau passaria a ser a única entidade competente para administrar a nacionais ou estrangeiros residentes fora do território nacional que aqui não fixassem residência até 31 de Janeiro de 1976.

Acontece, porém, que o Banco Nacional da Guiné-Bissau está a organizar um departamento que se ocupará exclusivamente da administração de tais bens.

Sendo assim, enquanto o referido Banco não anunciar que o respectivo departamento entrou em funcionamento, os procuradores dos ausentes abrangidos naquele decreto ficam como fiéis depositários dos mesmos.

PEDIDO

Pede-se a todos os antigos educandos da missão católica de Bula que queiram participar num convívio que terá lugar naquela localidade no próximo dia 4 de Abril, o favor de contactarem com os camaradas Eurico Soares na casa Costa, Joaquim Pereira na Tipografia das Missões e Augusto Dias no Comissariado de Agricultura.

VENDE-SE

Mobiliária de quarto, geladeira, fogão a gás e mais outros apetrechos. Contactar na Av. Pansau Na Isna, n.º 1-C-1.º Dto das 12 às 15 e das 20 às 22 horas.

VENDE-SE

«Carriinha Peugeot 404» a gasolina. Aceitam-se propostas em carta fechada. Tratar com os Serviços Administrativos da TAP em Bissau.

COOPERANTES

Da Direcção-Geral de Cooperação do Comissariado Principal, recebemos o seguinte comunicado sobre a situação dos cooperantes estrangeiros, com data de 19 de Fevereiro:

«Não tendo sido cumprido o estabelecido na circular n.º 1, de 6 de Janeiro de 1976, referente à identificação de cooperantes estrangeiros, a Direcção-Geral de Cooperação do Comissariado Principal solicita a boa atenção de todos os Comissariados no sentido de regularizarem a situação dos seus cooperantes, até ao fim do mês em curso, impreterivelmente, a fim de evitar consequências graves, que podem vir a prejudicar os serviços e perturbar a vida dos próprios cooperantes.

«A partir do presente aviso, a Direcção-Geral de Cooperação do Comissariado Principal não se responsabilizará pelas consequências que possam advir da falta de identificação dos cooperantes que trabalham no nosso país».

«A TABANCA»

Visite o Restaurante «A TABANCA». Serve-se pequeno almoço, almoço e jantar.

Há bons petiscos! Esperamos por si!

DOS LEITORES

«O futebol saiu desprestigiado...»

O desporto e os órgãos de comunicação social constituem, uma vez mais, o tema desta rubrica, ao publicarmos a carta que o nosso leitor Marcelino Pedro Delgado nos enviou, a propósito de um comentário radiofónico ao desafio de futebol entre as equipas do Sport Bissau e Benfica e Nuno Tristão de Bula. Diz este leitor a certo passo:

«O comentador do encontro talvez por muito amar o clube de que foi praticante, esqueceu-se de que a sua posição — de comentador — deve ser de total imparcialidade. Esqueceu-se de que o comentador deve estar enquadrado na linha do que sempre se pretendeu com o desporto: educar o homem física, ética e intelectualmente. Esqueceu-se de que um microfone deve ser utilizado com o máximo decoro e absoluta correção tanto mais quando a voz de quem o utiliza é escutada por milhares de pessoas dispersas por pontos muito distantes do local onde se desenrola o espectáculo que se comenta. Esqueceu-se e é grave este esquecimento, de que é membro do Conselho Técnico da Federação Nacional de Futebol organismo que, como o nome indica, decide, em penúltima instância, sobre todos os problemas de ordem técnica ligados ao futebol da nossa terra.

«No rasto de todos estes esquecimentos, o comentador abusou da sua posição, atingindo injustamente com os seus comentários, tomados por muitos por tendenciosos, elementos cuja única preocupação é servir o desporto.

«O comentador não teve em conta que os elementos que tão injustamente atingia não dispõem do mesmo meio e da mesma oportunidade para esclarecerem, no preciso momento que os comentários eram feitos, certas situações que ele criou e colocou na amarga posição de dúvida. De certo que se esses elementos dispusessem do mesmo meio e da mesma oportunidade talvez não perdessem pela demora em lhe fazer meditar um pouco no erro que cometeria sob a protecção de um lugar que nem todos têm acesso.

«Esqueceu-se o comentador, ou talvez não o saiba, que só o conhecimento pormenorizado e íntimo de um determinado problema pode conduzir a um julgamento imparcial. Em crer estamos que da distância a que o comentador se encontrava não podia de forma alguma ouvir o que de incorrecto pudesse ter sido proferido pelo jogador expulso. Coisa que, por muito que pese, é vulgar num encontro de futebol. Viu a fala como muitos a viram. Os mais prudentes — uma das primeiras qualidades de um comentador, é ser prudente — não se apressaram a julgar. Aguardaram a oportunidade de poderem ouvir directamente das partes intervenientes — árbitro e o jogador —. E porque assim não procedeu o comentador? Se me permite a resposta: porque estava encontrada a oportunidade ideal para se atingir A, B ou C, pessoas que apesar de terem muito respeito pelo comentador, nunca lhe reconheceram o porte de alguma couraça albergadora de conhecimentos que dele façam um sábio.

«O futebol saiu desprestigiado no sábado à noite pelas infelizes intervenções de um comentador que convencido de que estava fazendo um grande trabalho ao serviço do seu clube, mais não conseguiu que incitar autenticamente o público aecto a esse clube e os jogadores do mesmo, à desordem, pondo assim a nú a sua parcialidade e as suas simpatias pessoais.

«Toda a crítica construtiva é aceite pelo homem de boa vontade e por todos aqueles que não admitem a existência de infalíveis. Mas a crítica destrutiva é ferreamente negada pelo homem consciente do objectivo que se pretende atingir.

Podemos não gostar de alguém; podemos ter a infeliz sorte de sermos megalómanos. Uma verdade não devemos esquecer: as nossas vaidades pessoais; a nossa maneira de ser, de pensar e de agir não devem sobrepôr-se aos interesses da grei.

Sejamos humildes para que melhor possamos servir a Guiné-Bissau».

A ÁFRICA E O MUNDO

A guerra do bacalhau

Islândia corta relações com a Grã-Bretanha

■ A NATO em crise

PARIS (A.F.P.) — A Islândia rompeu oficialmente, na sexta-feira à tarde, as suas relações diplomáticas com a Grã-Bretanha. Esta decisão abre no seio da Aliança Atlântica a crise mais séria — escapando ao problema de Chipre em 1974 — que a NATO conhece desde a sua criação, há 26 anos. É, efectivamente, a primeira vez que dois membros desta Organização chegam a este extremo.

Este episódio da quarta «guerra do bacalhau» entre Londres e Reykjavik tem como origem a decisão anunciada pela Islândia, a 15 de Outubro último, de aumentar para 200 milhas marítimas, o limite das suas águas territoriais. Mas, na realidade, os incidentes mais ou menos sérios não cessaram entre os pescadores ingleses e islandeses desde que a Islândia, a partir de 1951, aumentou sucessivamente o limite das suas águas territoriais para 4 milhas, depois para 12 milhas, em 1958 e para 50 milhas, em 1972. Os pescadores britânicos viram assim progressivamente reduzidas as suas zonas de pesca, o mesmo acontecendo com a tonelação de peixe que lhes tinha sido oficialmente concedida. Considera-se em Londres, que a decisão islandesa foi ditada, sobretudo, por razões políticas internas.

A verdade é que a importância da crise ultrapassa o quadro do diferendo anglo-islandês sobre a pesca. A Islândia que não dispõe de forças armadas, abriga em Reykjavik uma base americana de vi-

gilância aérea e marítima para todo o Atlântico Norte, que vai desde a costa este dos Estados Unidos ao Mar dos Barentes. Reykjavik deixou entender, noutras circunstâncias, que poderia reconsiderar o direito de utilização do seu território, se não lhe fosse dada nenhuma satisfação no que diz respeito às suas exigências sobre o direito de pesca nas suas águas territoriais.

Jogos Olímpicos

INNSBRUCK (AFP) — Terminaram os Jogos Olímpicos de Inverno, realizados este ano em Innsbruck, na Áustria. A União Soviética foi a grande vencedora destes Jogos, tendo conquistado um total de 27 medalhas, 13 das quais de ouro.

A Alemanha Democrática ficou em segundo lugar, com 19 medalhas, seguida pelos Estados Unidos, com 10.

«Os Jogos Olímpicos de Inverno continuarão», declarou Lord Killanin, presidente do Comité Olímpico Internacional. «Os Jogos de Innsbruck tiveram uma organização perfeita, houve um ambiente excelente e muito amigável e as competições foram de alto nível», disse.

Lord Killanin garantiu que os Jogos Olímpicos de Inverno continuarão a ser organizados, apesar do pequeno número de países que neles participam.



O general Obasanjo, que substituiu o general Murtala Mohamed na chefia de Estado da República Federal da Nigéria, em recente encontro com o primeiro ministro da República Popular de Angola, camarada Lopo do Nascimento.

Nigéria

Os imperialistas envolvidos na morte de Murtala Mohamed

LAGOS — O Governo nigeriano publicou na quarta-feira, em Lagos, uma declaração afirmando que a tentativa de golpe de estado, na qual o general Murtala Mohamed, Chefe de Estado, encontrou a morte, era destinada a reconduzir ao poder o seu antecessor, o general Yakubu Gowon, que teria supervisionado o golpe, do seu exílio britânico.

A declaração indica que um dos participantes no «complot» confessou ter ido diversas vezes à Grã-Bretanha, para pôr o general Gowon ao corrente da rebelião.

As conjuras teriam como intenção reinstalar o general Gowon na chefia do Estado, para restabelecer uma política pró-imperialista.

A declaração governamental acrescenta que o tenente-coronel B. S. Dimka, chefe dos serviços de Educação Física do Exército, que dirigiu esta rebelião, tinha estado, na sexta-feira passada, no alto-comissariado britânico, para anunciar a queda do Governo do general Mohamed, e para pedir à missão britânica a permissão para o regresso imediato do general Gowon, que devia retomar a chefia do país. O Governo precisa que o tenente-coronel Dimka permaneceu trinta e cinco minutos no escritório do alto-comissário, mas que este aguardou três horas para prestar contas desta visita às autoridades.

Arafat: o apoio internacional à luta do povo palestino

BERLIM (TASS) — Os sucessos da Organização de Libertação da Palestina na arena internacional são os resultados da justa luta perseverante, conduzida pelo povo palestino. Um papel importante cabe também à ajuda e ao apoio multiforme concedido pelos nossos amigos, nomeadamente os países socialistas, declarou Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo da Organização de Libertação da Palestina (O.L.P.), durante uma entrevista concedida à rádio da RDA. Yasser Arafat disse que a recente discussão pelo Conselho de Segurança da ONU da situação no Médio-Oriente testemunha que as posições internacionais da O.L.P. tornaram-se mais sólidas.

Evocando os confrontos armados no Líbano, Yasser Arafat disse que fora um «complot» perigoso, montado pelas forças imperialistas e sionistas contra os libaneses e os palestinos.

«A nossa união com as forças progressistas nacionais patrióticas do Líbano assegurou o fracasso deste «complot», disse.

A declaração acrescenta que os rebeldes tinham também como intenção, assassinar vários outros dirigentes do Exército e do Estado, entre os quais o tenente-general Olusegun Obasanjo, que sucedeu ao general Mohamed. Os homens encarregados de o matar, indica o Governo, confundiram-no com o coronel Dumuje, que foi abatido no seu posto.

O Governo acrescenta que a rebelião que, segundo ele, não tinha nenhuma origem étnica ou religiosa, devia conduzir aos seus postos os governadores das diferentes províncias que tinham sido retirados depois do golpe de estado de Julho último contra o general Gowon. «O apoio e os compromissos que os conspiradores receberam do estrangeiro, são igualmente examinados», informa a declaração, que indica, em conclusão, que o Governo agirá rapidamente em relação a todas as pessoas implicadas na rebelião, desde que o inquérito esteja concluído.

O.U.A.: a agressão contra a Somália

NOVA YORK (TASS) — O Conselho de Segurança reuniu-se na quarta-feira para estudar o incidente armado desencadeado ultimamente na fronteira entre a República Democrática da Somália e da «Somália francesa» (Djibouti). Os representantes da Somália e da França apresentaram relatórios.

Para o representante somaliano, Abdirizak Hadji Hussein, a penetração de tropas francesas em território somaliano e o ataque à vila de Lojado constituem «um acto de agressão armada, não provocado, contra a República Democrática da Somália e uma violação da sua integridade territorial». Pediu ao Conselho de Segurança para denunciar estes actos como contrários à Carta das Nações Unidas e, exigiu que a França se abstenha futuramente de qualquer acção ilegal contra a RDS.

O representante somaliano chamou a atenção dos membros do Conselho de Segurança para a transferência de novos contingentes franceses para Djibouti e sobre as novas repressões contra os partidários da independência de Djibouti, que insistem na aplicação das decisões das Nações Unidas respeitante à concessão da independência à população da «Somália francesa». Insistiu igualmente sobre a retirada das tropas francesas e o desmantelamento das bases militares francesas em Djibouti, no interesse da paz e da segurança nesta parte de África.

O Conselho de Segurança vai prosseguir o exame do problema.

INUNDAÇÕES EM MOÇAMBIQUE

BEIRA (AFP) — Inundações no centro de Moçambique, na província da Beira, provocaram milhares de deslocados para os quais os soldados da FRELIMO e a Polícia estão a organizar socorros.

A Beira é a segunda região de Moçambique a ser atingida por chuvas torrenciais. No sul, o rio Limpopo inundou os campos e as habitações. No distrito de Niassa, as estradas estão bloqueadas e as colheitas destruídas.

OPERAÇÕES DA FRENTE DE OMAN

ADEN (TASS) — Em Janeiro e Fevereiro de 1976, os patriotas da Frente Popular de Libertação de Oman realizaram 42 operações contra as tropas do sultão Qabus e de mercenários estrangeiros nas regiões oriental, ocidental e meridional de Dhofar, anuncia um comunicado da Frente, publicado em Aden.

A seguir a estas operações, o inimigo sofreu 155 mortos ou feridos, e 120 pontos de apoio foram destruídos.

A GUINÉ AO LADO DOS POVOS EM LUTA

TANANARIVE (AFP) — A respeito do Djibouti e das Comores, a Guiné e Madagascar têm pontos de vista idênticos face ao imperialismo francês, que quer deitar areia para os olhos dos africanos», declarou a Imprensa Fodé Berete, novo embaixador guineense em Madagascar, depois de ter apresentado as suas credenciais ao presidente Didier Ratsiraka.

«A Guiné, disse, apoia as Comores. Ela está pronta a dar toda a sua ajuda e a utilizar todos os seus meios para libertar a ilha de Mayotte do jugo colonial». A respeito da Namíbia e do Zimbábue, Berete sublinhou que «a luta armada era uma necessidade para libertar os territórios ocupados pelo inimigo».

A COOPERAÇÃO SOVIÉTICO-MOÇAMBIQUESA

MOSCOVO (TASS) — Os acordos assinados ultimamente pela União Soviética e Moçambique, de cooperação económica e técnica, sobre o comércio e sobre a cooperação nos domínios da pesca, da aviação civil e dos transportes marítimos, é um novo exemplo do desenvolvimento das relações amigáveis da União Soviética com os países africanos.

As características da cooperação económica da URSS com os países africanos são os esforços orientados para se construir nesses países uma base industrial indispensável ao progresso económico e social.

SENADO AMERICANO SUSPENDE AJUDA AO CHILE

WASHINGTON (TASS) — O Senado americano aprovou a suspensão de toda a forma de assistência à Junta chilena, que fez do país uma prisão. Por 48 votos contra 39, os senadores votaram a emenda de Edward Kennedy no projecto-lei sobre a ajuda militar aos países estrangeiros. Na sua intervenção, o senador citou factos mostrando que a Junta violava grosseiramente os direitos cívicos elementares, que sancionava torturas e repressões, que perseguia os patriotas.

Acrescentou que as entregas militares americanas serviam para o regime totalitário chileno combater o seu próprio povo.

31.ª ASSEMBLEIA DA ONU COMEÇA A 21 DE SETEMBRO

NOVA IORQUE (TASS) — A próxima sessão da Assembleia da ONU, a 31.ª, abrirá a 21 de Setembro de 1976 em Nova Iorque, sob a presidência do Secretário-Geral da ONU, Kurt Waldheim, difundindo na sede da ONU em Nova Iorque.

A ordem do dia preliminar da sessão prevê questões da consolidação da paz internacional e da segurança, a suspensão da corrida aos armamentos, em primeiro lugar aos armamentos nucleares, a convocação de uma conferência mundial sobre o desarmamento, a descolonização e a actualização da declaração sobre o reforço da segurança internacional.

O XXV Congresso do P.C.U.S.

Os delegados dos 15 000 000 de membros do Partido Comunista da União Soviética iniciam no dia 24, em Moscovo, seu XXV Congresso com dois objectivos principais: fazer o balanço do novo plano quinquenal e marcar o rumo para o cumprimento do décimo plano.

A ordem do dia do XXV Congresso do PCUS abrange:

- 1) Relatório do Comité Central sobre as tarefas do Partido no domínio da política interna e externa, a apresentar pelo Secretário-Geral, Leonid Brejnév;
- 2) Relatório da Comissão de Revisão do PCUS, apresentado por Sizov, Presidente da Comissão;
- 3) As grandes opções da economia soviética para 1976/80, segundo relatório de Kossiguin, Presidente do Conselho de Ministros;
- 4) Eleições dos órgãos centrais do Partido.

Cada delegado ao Congresso representa 3.000 membros e encontram-se já acreditados 800 jornalistas nacionais e estrangeiros para fazer a cobertura do Congresso. A cerimónia de abertura, no dia 24 e do encerramento, provavelmente a 5 de Março, serão transmitidas directamente do Palácio dos Congressos do Kremlin, pela rádio e televisão.

A realização deste XXV Congresso conclui a aplicação do IX plano Quinquenal e prepara o início de aplicação do X numa altura em que a economia planificada da URSS conhece um grande desenvolvimento, aumentando, grandemente, o nível de vida, material e cultural, da população da União Soviética.

A aplicação do nono plano comprovou as enormes vantagens e possibilidades do sistema de economia socialista e da planificação, com as suas consequências principais: ausência de desemprego, de inflação e das crises que ciclicamente sacodem o mundo capitalista.

No plano da política externa foi, entretanto, desenvolvido o programa de paz, traçado no Congresso do XXIV Congresso do PCUS. Na base dele, tornaram-se mais sólidos os laços de amizade com os países socialistas irmãos da URSS e com os países em desenvolvimento na África, Ásia, e América Latina.

O projecto do Comité Central que vai ser discutido no Congresso prevê para o X quinquênio uma atenção particular ao desenvolvimento da economia de base e da indústria socialista. Prevê-se um aumento da ordem de 35/39 por cento na capacidade industrial, enquanto este crescimento industrial deverá ser conjugado com aumento permanente da capacidade produtiva agrícola. Pretende-se aumentar a colheita de cereais até 220 milhões de toneladas e a produção de carne até 15,5 milhões de toneladas.

Também se prevê, no projecto, maior produção e distribuição de bens de consumo de massa, artigos manufacturados de larga procura e novas residências.

A linha principal do Partido de Lenine, no domínio da colaboração internacional, continuará a ser o apoio aos povos que lutam pela sua libertação política, económica e social.

Reuniu a Comissão de Alfabetização



O camarada Luiz Cabral presidiu à primeira reunião da Comissão Nacional de Alfabetização, que se realizou na passada quinta-feira, no Bloco Circum-Escolar.

Foi convidado a assistir a esta sessão o pedagogo Paulo Freire, cujo método de alfabetização foi adoptado no nosso país.

Além do camarada Luiz Cabral (que preside a esta Comissão recém-criada, de que fazem parte represen-

tantes de vários departamentos do Partido e do Estado), estiveram presentes na reunião os camaradas Vasco Cabral, Pascoal Alves, Chico Bá, Julinho de Carvalho, Manuel Santos (Manecas), Fernando Fortes, Rui Barreto e Mário Cabral.

Numa das próximas edições do «Nó Pintcha» contamos publicar uma reportagem desenvolvida sobre o acontecimento.

“Vamos testemunhar ao povo soviético a gratidão do nosso povo e do P.A.I.G.C.”

(Continuação da 1.ª pág.)

luia Lopes, membro do CEL e Responsável pela Organização do Partido na região de Bissau, Herculano Vieira, do CSL do Partido e Ministro dos Transportes e Comunica-

ções de Cabo Verde, Joseph Turpin, do CSL e Secretário-Geral do Commissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros, Pedro Ramos, do CSL e do Estado Maior das FARP, e Eugénio Inocêncio, da Comissão Nacional do PAIGC para Cabo Verde, reafirmou mais uma vez os laços de amizade entre o PAIGC e o PCUS e a disposição de dar toda a nossa contribuição neste Congresso: «O camarada Amílcar Cabral considerou sempre que, para o nosso povo conseguir resistir e lutar, tinha que ter ajuda de

outros povos. Na conjuntura não lhe interessava que a ajuda viesse de qualquer parte, mas do campo socialista encabeçado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Todo esse apoio que nos foi dado, vinha no quadro de relações entre os nossos dois Partidos. Nesta fase, depois da nossa independência, estas relações devem solidificar-se num sentido bilateral».

«Pensamos que devemos fazer todos os possíveis para que estas relações continuem a ser aprofundadas em benefício dos nossos dois países».

Ataque ao aeroporto de Bissau

(Continuação da página Central)

seguinte a marcha continuou para a base de Naga, onde também fomos recebidos em ambiente de festividade. Durante uma semana não pude comer».

«Depois do camarada Amílcar Cabral ter recebido o comunicado do ataque, passada uma semana, recebemos um comunicado do Secretariado-Geral para irmos receber as nossas condecorações, como heróis daquela operação. Encontrámo-nos lá com os camaradas Amílcar Cabral, Luiz Cabral, Francisco Mendes e Basil Davidson, que na altura estava nas regiões libertadas. Foi eu e o camarada Joaquim N'Kom. Assim nos foram atribuídas as primeiras condecorações do Partido, a «Estrela Negra».

«Hoje, quando recordo este

acontecimento lamentamos bastante a morte de muitos camaradas com quem atacámos o aeroporto e que, não apanhando nenhum ferimento na altura, só vieram a tombar mais tarde noutras frentes de luta. Entre eles destaco os camaradas Joaquim N'Kom, um dos responsáveis do grupo do assalto que veio a morrer nas áreas de Nhacra.

Recenseamento de cidadãos portugueses

Segundo informação fornecida pela Embaixada de Portugal na Guiné-Bissau, está aberta, desde 20 de Fevereiro a 5 de Março, o recenseamento dos cidadãos portugueses para as eleições legislativas, segundo horários já publicados no «NÓ PINTCHA».

Terminado o recenseamento e até 20 de Março, decorrer um período para eventuais reclamações por parte

de Angola (FAPLA) chegaram ao «santuário» de Jonas Savimbi, entrando na vila de Cangumbe, perto de Bié (Silva Porto), onde o dirigente da UNITA tinha instalado o seu derradeiro quartel-general antes de bater em retirada.

O anúncio da tomada desta vila foi feito na quinta-feira num comunicado do Ministro da Informação que acrescentava ter sido libertada mais uma pequena localidade na fronteira com o Zaire, Noqui, perto de São Salvador, ficando limpo, praticamente, todo o Norte.

Lúcio Lara:

“Este governo português ridicularizou-se”

LUANDA — «O Governo português está a colocar o povo português numa posição extremamente delicada em relação ao povo angolano, porque, realmente, o povo angolano, hoje, sente-se cada vez mais desligado do povo português e não havia necessidade nenhuma disso» — afirmou, numa entrevista que concedeu ao «Diário de Luanda» Lúcio Lara, dirigente do MPLA.

Lúcio Lara abordava o problema do reconhecimento, por parte do Governo de Lisboa, da República Popular de Angola, já membro da Organização de Unidade Africana (OUA) e reconhecida por mais de 60 países, em todo o Mundo.

«Durante a luta de libertação sempre dissemos que não fazíamos a luta contra o povo português» — prosseguiu. «Pelo contrário, lutávamos juntamente com ele, contra o sistema injusto que oprimia os dois povos. O MPLA, defendeu sempre a necessidade de uma cooperação estreita entre os dois povos. Ora, este Governo português ridicularizou-se — é o termo, pois não encontro outro mais suave — perante a opinião pública internacional e, sobretudo, perante o nosso povo».

A terminar, Lúcio Lara disse ainda: «Não faz sentido que um país que tanto oprimiu e explorou este povo e que tanto prometeu depois do 25 de Abril, até hoje esteja naquela série de nações que ainda não reconheceu a República Popular de Angola. É com grande tristeza que nós constatamos esse facto, embora estejamos conscientes de que isso não afecta absolutamente nada o problema angolano. Cada vez mais estamos a encontrar a nossa via. Mas onde podia haver uma cooperação estreita com Portugal, no plano económico sobretudo — e porque não até no plano político? — essa cooperação está cada vez mais distante, mais longínqua».

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

FÁBRICA DE CIMENTO ADJUDICADA EM CABO VERDE

PRAIA (AFP) — Foi concedida a uma sociedade belgo-portuguesa licença para a instalação e exploração de uma fábrica de cimento, na ilha de Maio, situada no sudeste do arquipélago de Cabo Verde.

Esta decisão resulta de uma ordem emanada do Ministério da Economia, que precisa que esta sociedade poderá associar-se, para a exploração, à sociedade italiana «ICC SPA», à República de Cabo Verde e empresas de nacionalidade sueca e nigeriana, em virtude de um acordo que será concluído.

A empresa que vai ser criada deverá produzir cimento branco «portland» e cimento misturado de pozulana (produzida na ilha de Santo Antão).

Esta última variedade constitui um cimento hidráulico, procurado nomeadamente para as construções portuárias.

MOÇAMBIQUE EXPULSA PROFESSOR PORTUGUÊS

MAPUTO (AFP) — O Governo da República Popular de Moçambique expulsou um professor português, Albertino Ferreira, ao qual foram dadas 48 horas para abandonar Moçambique, anuncia um comunicado do Ministério do Interior. O comunicado indica que este professor foi expulso por «difamação» e «ofensa às instituições da República Popular de Moçambique».

Nesta semana, seis outros professores tinham sido expulsos do país por actividades hostis às autoridades moçambicanas.

CUNHAL NA BULGÁRIA

SÓFIA (AFP) — Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português, declarou à sua chegada a Sófia que a situação no seu país é «precaria e perigosa» e que existe «perigo de forças reaccionárias da direita retomarem as suas posições».

O Secretário-Geral do Partido Comunista Português receberá em Sófia, o Prémio Internacional Dimitrov, que lhe tinha sido atribuído em 1974, por ocasião do 30.º aniversário da Bulgária Socialista.

FRENTE POLISÁRIO ABATE AVIÃO MARROQUINO

MADRID (AFP) — Foi abatido pela Frente POLISÁRIO, um avião «F-5» marroquino, afirma o correspondente em Marrocos, do jornal madrileno «Ya», que não dá entretanto nenhuma informação sobre a data e o local deste incidente.

A Frente POLISÁRIO, recorda-se, anunciara num comunicado publicado na terça-feira em Argel, que tinha abatido um avião marroquino no sector de Hauza.